Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



BETTY FIELD, a admirável actriz de «AS MÃOS E A MORTE» e de «FUGIDOS DO MUNDO», que vimos recentemente

2.ª SÉRIE — N.º 44 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 8 DE SETEMBRO DE 1941 — PREÇO: 1$50

Leitão de Barros terminou as filmagens de «Ala, Arriba!»



Quando em 1927 surgiu um homem disposto a trabalhar para uma Arte, então quási desconhecida em Portugal e cujas obras eram simples acidentes, houve quem desconfiasse do êxito dos seus intentos. Mas êsse homem, que se chama Leitão de Barros, não hesitou perante os inumeros contratempos e barragens que à sua frente se antepunham e triunfou em todos os campos.

Conseguiu interessar na Arte Cinematográfica pessoas que dela andavam arredadas e que não queriam crêr na possibilidade da sua existência em Portugal. O seu primeiro filme de enrêdo, «Maria do Mar» foi uma revelação, um sôpro benéfico de que ainda hoje se fala; «A Severa» em que se verteram grande capitais constituiu um êxito comercial até agora não excedido; «As Pupilas do sr. Reitor», «Bocage»; «As três graças», «Maria Papoila», «A Varanda dos Rouxinois», foram filmes que guindaram Leitão de Barros à posição que hoje ocupa dentro do Cinema Português.

«Ala, Arriba!» cujas filmagens concluiu há dias na Póvoa de Varzim é o mais recente trabalho de Leitão de Barros para o Cinema. Deste seu filme muito se tem falado e muito mais se há-de falar quando fôr a sua estreia. Juntamente com uma atitude de Leitão de Barros durante a realização de um dos seus filmes, publicamos alguns aspectos do Vira de «Ala, Arriba!», que João Martins, o fotógrafo dos filmes portugueses, fixou em alguns instantâneos.

«Animatógrafo» que tem acompanhado de perto quási tôda a actividade do filme de Leitão de Barros deseja ao festejado realizador português um êxito absoluto. — J. M.









2.ª série / N.º 44 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL-Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO**

8 de Setembro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

O CINEMA PORTUGUÊS NÃO PÁRA

MARIA DAS NEVES

Vai interpretar, ao lado de **António Silva, Vasco Santana,** e **Ribeirinho,** uma das primeiras figuras de «O Pátio das Cantigas»

O Cinema Português curou-se da moléstia que não o deixava vingar: as malditas síncopes que lhe entrecortavam a existência de angustiosas pausas, marasmos durante os quais nada se produzia e tudo quanto se tinha aprendido no trabalho anterior se ia esquecendo nas conversas inúteis dos cafés. Agora, assegurada a produção contínua de filmes, o Cinema Português não pára mais. Atraz dum filme vão vir outros filmes, cada coisa aprendida terá logo ocasião para se experimentar e aplicar sem que se tenha esquecido na sua mecânica ou nos seus pormenores. Ainda há dias terminaram as filmagens de «O Pai Tirano» e, coisa nunca vista na nossa terra, já a mesma equipa técnica prepara os cenários e a organização de novo trabalho «O Pátio das Cantigas» que, só com um intervalo de duas semanas vai começar a filmar-se.

Um mistério

É exactamente com «O Pátio das Cantigas» que vai acabar um dos maiores mistérios que em matéria de distribuïção cinematográfica existia em Portugal. Referimo-nos ao facto da grande actriz Maria das Neves nunca ter interpretado um papel no Cinema Português. É verdade.

Maria das Neves um dos mais completos talentos da cena portuguesa, a actriz cuja simpatia arrebata o público, cujo sorriso conquista, cuja voz encanta e entusiasma, tão capaz de criar um inesquecível número musicado, como de representar a mais árdua cena dramática, nunca fôra aproveitada para o Cinema Português.

Porquê? Mistério. O seu nome andou sempre e anda na bôca de tôda a gente. Maria das Neves é um dos grandes «cartazes» de teatro. Ao vê-lo representar sentem-se as suas qualidades cinematográficas pelo irradiante poder de presença, pela cristalina fonogenia da sua voz. Mas o mistério continuava...

Papeis feitos por medida

Estas coisas porém não escapam à *Produção António Lopes Ribeiro* onde para cada actor se cria o momento e a figura exacta que convém ao seu trabalho, onde cada papel é desenhado e pensado para o intérprete capaz de o realizar completamente. E assim um dos papéis mais importantes de «O Pátio das Cantigas» perfeitamente ajustado à sua rica personalidade vai ser interpretado por Maria das Neves. Acabará o mistério e o público português terá assim oportunidade de ver na tela, um dos seus ídolos do palco, interpretar uma curiosa personagem das «feitas por medida» pela Prod. A. L. R. que considera o problema da distribuïção um dos fundamentais do seu trabalho e não olha a dificuldades: o personagem próprio no actor próprio. Quando, como no caso do papel de «Menina Amélia» de o «O Pai Tirano» falta o intérprete ajustado a Prod. A. L. R. servindo-se dos seus recursos que já hoje, dada a extraordinária expansão do S. S. I., começam a ser vastos, faz uma procura rigorosa até encontrar quem satisfaça plenamente. A «Menina Amédia» de «O Pai Tirano» ao fim duma série grande de provas e de ensaios foi entregue a Nelly Esteves. Que a selecção deu resultado verificará o público quando a vir actuar em «O Pai Tirano» onde se vai revelar como grande ingénua cómica.

«A Mantilha de Beatriz»

foi escolhido para ser o filme n.º 3 da PRODUÇÃO ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



Maria das Neves, a actriz tão querida das nossas plateias, que vamos admirar no filme «O Pátio das Cantigas»

A produção n.º 3

Leonor Maia — outra boa revelação de «O Pai Tirano» não entra em «O Pátio das Cantigas», ao contrário do que acontece com a Graça Maria que interpreta papéis de relêvo nos dois filmes. Mas Leonor Maia não será mais outra vedeta relâmpago do nosso cinema. Para a produção n.º 3 que, evidentemente já começou a ser estudada a «Tatão» de «O Pai Tirano volta a actuar. A seu tempo «Animatógrafo» satisfará a curiosidade dos leitores sôbre a terceira fita da Prod. A. L. R. com noticiário mais completo. Por hoje dizemos só que foi escolhida «A Mantilha de Beatriz», que já estão em curso os estudos e investigações sôbre o estilo conveniente da representação e sôbre a época que vai ser reconstituída com todo o rigor. E dizemos, ainda, que na «Mantilha de Beatriz» deve reaparecer um dos actores mais estimados pelo público, muito tempo ausente dos nossos palcos, das nossas telas e de Portugal.

P. H.

BEBE DANIELS

ESTEVE EM LISBOA COM SEU MARIDO, O ACTOR **BEN LYON**

Falar de Bebe Daniels é evocar o mais brilhante período da Arte que se chamou do silêncio — é recordar tôda uma série de filmes e artistas, que fizeram o prestígio do cinema, nos derradeiros tempos do mudo.

Bebe Daniels, numa época em que brilharam Clara Bow, as irmãs Gish, Pola Negri e tantas outras vedetas célebres, teve o mérito de se tornar diferente, de marcar um lugar à parte, que foi afinal o triunfo da sua personalidade. Réplica feminina de Douglas Fairbanks, desportista sem prejuízo da sua feminilidade, Bebe Daniels foi sempre um raio de sol, um sorriso optimista, a desafiar a má vontade do público ou a tristeza dos hiponcondríacos e neurasténicos.

As suas comédias caracterizavam-se pelo dinamismo das cenas, onde Bebe Daniels estadeava, quási sempre, os seus dotes de atleta consumada. Ela soube levar para a tela o aproveitamento das lições que tomou com os mestres, que foram os campeões em voga, nas diversas modalidades desportivas.

Correu com Paddock, vencedor olímpico; nadou com Gertrude Ederlé, a triunfadora da travessia da Mancha; e jogou o box com o próprio Jack Dempsey, então em plena glória depois da sua vitória sôbre Carpentier, ídolo da Europa, menino-amimado de Paris...

Seja pelo desporto, inteligentemente cultivado, ou por outra razão qualquer — o certo é que a Bebe Daniels que vimos no Estoril, com os seus quarenta anos bem conservados,é ainda uma mulher que dá na vista, que nos enche os olhos — e que está em pleno fulgor e apogeu da sua beleza. Aquêles que dizem ser essa a idade mais bela das filhas de Eva — os frutos só são bonitos e saborosos quando estão maduros... — têm em Bebe Daniels um argumento de pêso (honny soit...) a favor das suas afirmações.

Fisicamente, a vedeta também nos não desilude. É a mesma artista que a tela nos revelou, de olhos negros e cabelos de azeviche — o tipo latino, numa americana do Texas... Descendente de espanhóis (a avó fôra de Espanha, para a Colombia, onde a mãe de Bebe nasceu), parece ter herdado a vivacidade a desenvoltura que caracteriza nuestras hermanas. A seu lado, Ben Lyon, galã que fez furor na mesma época em que ela foi cartaz dos cinemas do mundo inteiro, traz, até nós, a evocação do seu desempenho em Anjos do Inferno, *o filme que lançou Jean Harlow, que era então a rapariga dos cabelos platinados, que tanta voga deviam ter, e que morreu, em plena glória — «ídolo de carne, sonho inacessível dos homens do mundo inteiro», para me servir da frase com que um jornalista francês a retratou, no artigo que escreveu quando da sua morte.*

Bebe Daniels e Ben Lyon, que se encontravam, há dois anos em Londres, abandonaram voluntàriamente Hollywood, pelos coruscantes palcos de Broadway. O teatro passou a ser a paixão delas. E não se pode dizer que foi o sonoro que os «matou», porque Bebe Daniels teve um êxito enorme em Rio-Rita *e* Alcançando a Lua, *e Ben Lyon é ainda hoje um dos melhores galãs do teatro americano.*



Bebe Daniels

De Broadway, os dois artistas deram um salto a Londres, e tal como aconteceu com Beatriz Costa, no Brasil, resolveram quedar-se por lá, ao contrário de tantos e de tantas outras, que demandaram a América, logo que os aviões alemães tornaram a cidade pouco habitável, para quem preze a integridade física... E é possível que esteja neste facto a razão da popularidade que alcançaram na Inglaterra inteira, que se conhece do palco, do cinema e da rádio, onde têm aparecido constantemente. Ainda agora, antes de vir para cá, Bebe e Ben foram os protagonistas duma comédia Hi Gang! *que êles julgam ser um verdadeiro êxito. E dizemos «julgam ser», porque o filme ainda não foi estreado.*

Casados há alguns anos, parecem felizes. Há sintomas que não enganam e que não permitem essa imagem da felicidade, num casal, quando a mesma é fictícia... Desta vez, se a fingiram, representaram muito bem o seu papel, com à vontade, com naturalidade, com despretenção... Bebe Daniels e Ben Lyon deixaram-me uma impressão totalmente diferente doutros casais de celebridades que conhecemos: Kiepura-Martha Eggerth, Tyrone--Annabella, Charles Boyer-Pat Patterson...

Mais humanos, mais naturais, não há emulação artística entre êles e demonstram a calma de quem já teve a sua crise aguda da celebridade. Hoje, são apenas dois profissionais, que se dirigem à América, sem o acompanhamento das trombetas da fama — na marcha da Actualidade...

Quando lhe preguntámos, o que os levava a Nova-York, foram os dois, à «una vocce» que nos responderam, com a alegria estampada no rosto:

— Vamos ver os nossos filhos!

E Bebe Daniels acrescentou:

— Ficaram com a minha mãe, na América. No momento actual, não quisemos trazê-los para a Europa. Agora, vamos passar com êles os últimos dias das suas férias.

Lembrâmo-nos de certa vedeta francesa, que veio buscar a filha, e que, na sua passagem por Lisboa, a escondeu dos jornalistas, e não quis que os fotógrafos a retratassem com ela... Quanto mais simpática é esta atitude de Bebe Daniels, no orgulho de proclamar que é Mãe!

De resto, essa impressão de simplicidade, de normalidade na sua maneira de ser, foi ainda corroborada pela forma como nos falou da sua carreira. Como ela considera longe o tempo de Caçadores de Imagens! *Que graça achou a evocar alguns dos seus filmes! Com que simpatia falou do cinema e das vedetas de hoje, sem ouvir aquele demónio que dorme na alma de certas mulheres que já tiveram a sua época — e que dá pelo nome de inveja, despeito, maldade e ciume...*

Entre tantas vedetas que nos visitaram, Bebe Daniels ficará como sendo a única para quem a glória de ser Mãe vale mais do que tôdas as honras de Artista — e que se revelou ao jornalista apenas como uma Mulher que acima de tudo sabe e quere ser Mulher!

FERNANDO FRAGOSO

CARTAS DUM CINÉFILO

Saudoso director:

O médico deu-me hoje alta e o meu primeiro cuidado é escrever-lhe a comunicar-lhe a razão de não lhe mandar epístolas minhas há já algum tempo.

O meu pai descobriu que eu à sombra dos diabetes dele andava-me a preparar para fazer uma fita. De repente melhorou, não sei se por distracção do médico, e apanhou-se com um bocadinho de fôrça e veio ter comigo e ferrou-me uma tareia que me deu cabo do argumento, estragou-me a decoupage» e partiu-me o braço diretto. Lá o partir-me o braço foi o menos porque teve concêrto, agora o estragar-me o argumento e a «decoupage» é que foi pior, porque a preparar tudo aquilo novamente leva muitos meses.

Agora, contudo, eu não posso pensar em entrar em actividade da «Produção Ignácio da Purificação» visto as melhoras de meu pai serem maiores de dia para dia. Tenho que esperar que êle tenha uma recaída para voltar a pensar nisto. Êste meu pai é que é o verdadeiro «Pai Tirano» e eu devo avisá-lo que êle anda muito desconfiado que o seu filme é piada a êle e é hamem muito capaz de lhe causar algum dissabor. Portanto, ponha-se a pau.

Já sei que está já a preparar a segunda fita «O Pátio das Cantigas». Será desta vez que eu terei lá um lugarzinho de técnico? Chame-me para o seu lado, olhe que não perde nada com isso. Não direi que seja o seu braço direito, porque o meu ainda está muito combalido da cacetada que meu pai me deu, mas enfim, posso ser um bom auxiliar.

Afinal o que há das outras fitas portuguesas. Os «Lôbos da Serra» e «Ala Arriba» creio que estão quási prontos e estou ancioso por vê-los, pois quero dar a minha opinião. Tenho fé que ambos hão-de interessar. Ao que me consta «Lôbos da Serra» é uma interessante tentativa de filmes de «cow-boys» à portuguesa e oxalá que pegue para a gente fazer muitos mais e mandar para a América porque êles lá já não sabem o que hão-de fazer. Quanto ao «Ala Arriba» também estou com interêsse em ver, pois o assunto é formidável. Sei que se passa tudo entre pescadores e que tem um «clou» formidável: a chegada dos ciclistas da volta a Portugal a Póvoa de Varzim. Formidável.

Ignácio da Purificação

PANORÂMICA

O TRI-CENTENÁRIO DO PRIMEIRO JORNAL PORTUGUÊS

Para comemorar o terceiro centenário da publicação do primeiro periódico português, o Sindicato Nacional dos Jornalistas institui um prémio pecuniário que será adjudicado de acôrdo com as seguintes bases de concurso:

BASE I — É criado o «Prémio Sindicato Nacional dos Jornalistas» na importância de dois mil escudos, destinado a recompensar o melhor trabalho literário sôbre o Jornalismo português — a sua missão e projecção — publicado em qualquer jornal ou revista que tenha a sua sede no território nacional do Continente, Ilhas Adjacentes ou Províncias Ultramarinas.

BASE II — O concurso é aberto a todos os cidadãos portugueses.

BASE III — São admitidos ao concurso todos os artigos publicados entre 1 de Outubro de 1941 e 30 de Junho de 1942.

BASE IV — Os pedidos de admissão ao concurso devem ser entregues com sete exemplares do jornal ou revista onde tenha sido publicado o trabalho do concorrente, até ao dia 15 de Julho de 1942, na sede do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

BASE V — O júri será constituído por um representante da Academia das Ciências de Lisboa; um representante do Instituto para a Alta Cultura; um representante do Secretariado da Propaganda Nacional; pelo sr. dr. Alfredo da Cunha e o presidente do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Êste último, que presidirá, terá sòmente voto de desempate.

BASE VI — O trabalho premiado será necessàriamente publicado no Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

BASE VII — O júri reserva-se o direito de não conferir o prémio no caso dos artigos ou ensaios apresentados ao concurso não servirem a ideia pretendida ou não possuirem a necessária categoria literária.

BASE VIII — Êste regulamento será publicado no Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas e está patente a todos os interessados na sede sindical.

O CATÁLOGO DA RKO-RÁDIO FILMES

Recebemos, da RKO-Radio Filmes o catálogo para a época de 1941-1942. Gràficamente bem apresentado, êle informa-nos de que aquela firma distribuirá, na próxima época, vinte e seis produções, algumas das quais de grande categoria. E senão vejamos o quadro do pessoal, que constitui o sêlo de garantia dos filmes a exibir: Samuel Goldwyn, o famoso produtor, trabalha na RKO-Radio, onde também se encontram Walt Disney, William Wyler, Alfred Hitchcock, Herbert Wilcox, Garson Kanin, William Dieterle, Howard Hawks, Lewis Milestone e Orson Welles. Entre as estrêlas contam-se Ginger Rogers, Bette Davis, Michele Morgan, Anna Neagle, Barbara Stanwyck, Simone Simon, Joan Fontaine, Lucille Ball, Glória Swanson... Entre os astros: Gary Cooper, Ronald Colman, Cary Grant, Edward Arnold, Charles Laughton, Herbert Marshall, Menjou, Burgess Meredith, Peter Lorre, Karloff e Bela Lugosi. Veremos «Fantasia» ,a obra maravilhosa de Disney; veremos «Sunny», com Anna Neagle; «Joana de Paris», o primeiro filme de Michele Morgan feito na América, e «A jornada do Mêdo»; veremos o famoso «O Mundo de seus Pais» (Citizen Kane), de

(Conclui na pág. 12)

O fundo de circunstância

Deixei de fixar por uns momentos a tela branca da sala de provas, onde passam, com imperturbável regularidade, as cenas do filme que vai nascer, para voltar a fixar o «écran» de papel onde, de há um rôr de anos para cá, faço passar o filme dos meus sonhos cinematográficos.

Devia aos meus leitores e a mim próprio esta «reprise», feita com a inevitável timidez de quem recomeça (e, em jornalismo, parar, algumas semanas que seja, é tremendo!) mas que as circunstâncias me impunham.

Por êste artigo de fundo é o «fundo de circunstância» que todo o realizador que seja director dum semanário de cinema não pode nem deve deixar de escrever depois de terminar mais uma fita...

Não se julgue, no entanto, que o faço por ser costume ou porque «tem que ser!»... Escrevo-o de todo o coração, com a consciência de fazer obra de jeito, pois o dedico àqueles que, à minha volta e na minha frente, acreditaram, como eu acreditei — e acredito — que o Cinema Português é uma autêntica possibilidade.

Primeiro — e só quem não me conhece pode atrever-se a supor que o coloco em primeiro lugar por servilismo ou por manha — o público; êsse fiel, êsse carinhoso e tolerante público português, que tem dado as mais seguras e constantes provas de que deseja e prefere, acima de tudo, filmes falados na sua língua, pensados segundo o seu pensar e feitos pela medida da sua sensibilidade.

A superior qualidade técnica que lhe oferece o cinema estrangeiro não lhe basta para o compensar de tantos «desencontros» (para me servir da expressão feliz de Acácio Leitão) que se verificam entre a sua maneira de ser e a psicologia das personagens que lhe oferecem. «Kitty Foyle», com todos os seus primores, escapa à compreensão da caixeirinha portuguesa, que está (felizmente para ela!) no polo oposto da caixeira americana. E o restante público pode achá-la interessante, curiosa, «exciting» — mas não a sente.

E o Cinema, senhores, é o último refúgio do sentimento.

Depois, agradeço aos tão dedicados colaboradores que encontrei e que souberam tornar mais fácil o duro caminho traçado.

A continuïdade industrial só é possível com uma equipa de profissionais disposta a todos os sacrifícios do comêço. «Profissionais de fé» — como eu lhes chamo.

Tive a sorte de poder reünir essa equipa, certa em todos os seus escalões, disciplinada e activa, paciente e eficaz. Só com o seu auxílio foi possível bater êste «record»: apresentar um filme setenta e cinco dias depois de ter sido dada a primeira volta de manivela.

O estúdio e o laboratório também são credores da minha gratidão. E, como êles, tôdas as entidades oficiais e particulares cujo auxílio me foi tão precioso.

Não posso esquecer a imprensa, que tem acompanhado as filmagens com tanto interêsse e compreensão dos objectivos em vista.

E menos posso esquecer — «last but not the least» — o homem que confiou na continuïdade como negócio e como finalidade industrial, tornando materialmente possível o que, há poucos meses, parecia sonho irrealizável.

Não a mim!... Porque eu creio numa ordem superior que não permite aos cépticos destruir a obra dos que acreditam.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

ESTÃO CONCLUÍDOS OS DOCUMENTÁRIOS «Moçambique» e «A Exposição Histórica do Mundo Português»

Estão concluídos os dois documentários de grande metragem «MOÇAMBIQUE» e «A EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO PORTUGUÊS».

«MOÇAMBIQUE» é o primeiro da série realizada pela Missão Cinematográfica às Colónias de África a que se deve «FEITIÇO DO IMPÉRIO». O filme foi concluído a expensas da Agência Geral das Colónias, cuja obra cultural é notabilíssima. A vastidão de Moçambique não permite, sob pena de fazer um filme interminável, mostrar senão alguns aspectos da próspera e portuguesíssima colónia da África Oriental.

O comentário é da autoria do ilustre escritor José Osório de Oliveira com locução de João da Câmara. Wenceslau Pinto e Jaime Silva Filho são os autores da partitura que comenta as imagens obtidas por Isy Goldberger e Manuel Luiz Vieira.

«A EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO PORTUGUÊS» fará reviver com o mesmo valor os aspectos inesquecíveis e maravilhosos da esplendorosa exposição de Belém. Será, como que uma homenagem àqueles a quem se deve uma das mais prodigiosas manifestações de Arte. António Lopes Ribeiro que dirigiu técnica e artìsticamente os dois filmes é o autor do texto e da locução dêste filme.

O maestro Frederico de Freitas escreveu a partitura da «EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO PORTUGUÊS» que é um filme do S. P. N. produzido e distribuído pela S. P. A. C.

Octávio Bobone, Artur Costa de Macedo e Manuel Luiz Vieira são os autores da fotografia, sendo a montagem dos dois filmes de Vieira de Sousa.

À Margem das Fitas

POR RAÚL FARIA DA FONSECA

Provocou escândalo em Hollywood certa página do jornal *Variety*, paga e preenchida por William Saroyan com uma mensagem aos produtores de fitas, na qual, entre outras, faz as seguintes afirmações:

— «Ofereço-vos, absolutamente livre de direitos cinematográficos, a minha peça «The Time of Your Life». As minhas condições são simples e equitativas: Todos os que trabalharem na fita, incluindo o estúdio — com o material e pessoal — fá-lo-ão de graça. As quantias realizadas com o filme revertem a favor da Defesa Nacional...

...A arte, na sua missão, é uma arma tão poderosa, para a defesa de direitos, como um exército forte e uma armada forte... Escrevam-me para...»

Dizem que à peça falta valor. Saroyan procura, pois, valorizá-la...

Branche Sewell, uma das mais hábeis montadoras de Hollywood, por cujas mãos têm passado muitos dos grandes filmes produzidos na Cinelândia, é de opinião que «é um axioma da indústria cinematográfica que um filme pode ser valorizado ou arruinado na sala de montagem». Além disso, continua, «o pior que um montador pode fazer é conviver com a gente do estúdio. As estrêlas e outros artistas e técnicos persegui-lo-iam com um sem número de preguntas a que não se pode responder. E, para não dar lugar a atrictos, é preferível o isolamento».

Embora qualquer destas opiniões versem assuntos da máxima importância, nunca é demais recordar, sobretudo, a primeira.

«Um filme pode ser valorizado ou arruinado na sala de montagem».

Entre nós abundam os exemplos de um e outro casos. Felizmente, a interferência dos montadores tem sido mais benéfica que maléfica. Por vezes, têm-se conseguido verdadeiros milagres. E oxalá isso continue a verificar-se, a bem da indústria nacional.

E, a propósito de profissionais recordamos também esta opinião de Lionel Banks, um dos maiores desenhadores de cenários da Columbia:

«Quem desenha cenários cria a maior parte do ambiente das fitas.»

Em Hollywood, um Lionel Banks é alguém. Entre nós, ou pelas condições de laboração no estúdio ou pela tendência inata nacional para descrer e desdenhar do trabalho de cada um, não há Lionel Banks digno dessas honrarias, àparte excepções raríssimas, pelas quais os artistas beneficiados se confessam extremamente agradecidos.

Eu que assim falo, cá tenho as minhas razões.

O Segredo da Esfinge

Por A. DE CARVALHO NUNES

Na complicada máquina cinematográfica o exibidor figura como peça predisposta a funcionar bem. E é o que vale, porque se êle não fôsse animado de boa vontade decerto soçobraria no cumprimento da sua delicada missão.

À primeira vista poderá parecer que está de ante-mão traçado o seu caminho, que não há mesmo lugar a uma opinião própria, pessoal, sôbre o que convém ou não exibir: tem a palavra o público, com os seus gostos, as suas predilecções.

Nós não vemos, porém, a traça dum tal caminho, e situamos de preferência o exibidor numa encruzilhada aonde vão ter as aspirações de tôda a gente, desde quem visionou o espectáculo até ao público que tem, realmente, sempre a palavra, mas não a toma — eterna esfinge a desafiar os dons de psicólogo do seu intérprete.

Porque o exibidor deverá ser dotado dum sexto sentido que o habilite a interpretar os desejos dum público incerto e vário. E se êle conseguiu encher a geral como os camarotes, se em tôda a sala existe o mesmo frémito de ansiedade ao descerrar-se a cortina, devemos dar-lhe sem esfôrço a palma do verdadeiro psicólogo.

A fôrça de escolher, de seleccionar, de compor, de eliminar até esta ou aquela passagem tida como importuna, o exibidor acaba por considerar o espectáculo um pouco como criação sua.

Acertou? Há que recomeçar, que variar de género para não cansar, que atender à preferência do momento.

* * *

Entre nós as salas de cinema são exploradas em condições bastante precárias: uma só sessão por noite e espectáculos diurnos, em poucos dias da semana, com descontos apreciáveis nos preços dos bilhetes.

Como se sabe, no estrangeiro os cinemas funcionam em regime de sessões permanentes, melhor diríamos consecutivas, e se daí deriva para o público o incómodo de não poder escolher o lugar, por outro lado traz um excelente rendimento à exploração, que permite estabelecer preços muito baixos.

Os mais onerados são os nossos cinemas de estreia, mas apesar de tudo pode afoitamente dizer-se que êles têm servido bem o público cinéfilo, trazendo para seu deleite filmes da maior categoria e de produção recente.

Acontece às vezes que uma obra destacada é oferecida por uma importância demasiadamente proporcional ao seu custo..., sem se atender às possibilidades limitadas do mercado, e então forçoso se torna esperar pacientemente que a *peixeira arrependida* volte atrás com propósitos mais moderados.

Assim sucedeu com alguns filmes de Charlot e é o caso agora de «E tudo o vento levou».

Fora de dúvida, o exibidor vê sempre mais do que a defesa dos interêsses postos em jôgo: o seu brio profissional, o gôsto que tomou pelas coisas do cinema, com que se encontra tão familiarizado, levam-no às vezes a sacrifícios, que o público aliás desconhece, só para alcançar a satisfação de apresentar na sua sala uma obra prima de nomeada.

E há que atender que no «bôlo de rei» dum lote de filmes se aparece o brinde raro duma «Balalaika», encontra-se muita fava vendida como farinha de primeira, e ainda que se a esfinge não fala, por vezes abana com a cabeça (salvo o devido respeito) mesmo a produções que vêm ornamentadas com as quatro estrêlas da crítica americana ou com outros títulos honoríficos...

* * *

A guerra trouxe ao exibidor uma nova fonte de preocupações: mercados produtores paralizados, dificuldades de transporte, etc.

No entanto, até à data, o cinéfilo português tem visto decorrer tudo habitualmente.

Mais, a época transacta marcou paradoxalmente uma posição vantajosa em relação às anteriores. É a conclusão que se tira do balanço a que o *Animatógrafo* procedeu.

Agora que estamos no limiar duma nova temporada, não vem fora de propósito formular alguns votos.

Primeiro que tudo, já nos daremos por muito satisfeitos se se conseguir manter o nível alcançado nos últimos tempos, quanto ao valor artístico dos filmes e à variedade dos géneros apresentados.

Mas se isso fôsse possível, gostaríamos de ver com maior assiduidade produções, cuidadosamente seleccionadas, de países pouco conhecidos entre nós sob o ponto de vista cinéfilo. Estão neste caso a Espanha, a Itália, a Alemanha, o Brasil e a Argentina.

Oxalá a produção nacional encontre larga representação nas nossas telas e que se abandone a prática de fazer estrear os nossos filmes na pior época do ano, à laia de «post-scriptum»...

Mesmo em programas constituídos por filmes estrangeiros, desejaríamos poder assistir à passagem de jornais de actualidades, de pequenos filmes culturais ou outros, em que estivessemos de qualquer forma presentes. Será demasiada ambição?

* * *

Recentemente *Animatógrafo* deu a notícia de que Hollywood se dedicava à produção de filmes da guerra e que uma firma americana, só à sua parte, empreendeu um programa de realização de 40 dêsses filmes!

Enquanto tão alterosa vaga nos não submerge, aqui deixamos expressos sinceros votos que sejamos poupados a essa invasão.

Hoje em dia, filme de guerra americano é sinónimo de filme de propaganda.

Ora, salvo melhor opinião, devemos fugir de tais filmes como o diabo da cruz.

Pode admitir-se um ou outro em que as características de autenticidade sobrelevem nitidamente outras preocupações.

De contrário, estão manifestamente deslocados e infringem mesmo as leis da boa hospitalidade: não foram feitos para nós, nada temos com êles, não nos interessa sequer vê-los.

Só um filme de propaganda política é possível nas nossas telas: o nacional, porque sabemos de ante-mão que nacional é essa política.

Ainda há pouco tempo nos deram, num cinema de estreia, um programa cujos complementos diziam exclusivamente respeito à propaganda de determinado país.

Ocorre preguntar: — então o público português tem que pagar ainda por cima uma propaganda que não lhe diz respeito, que não foi feita na mira de defender os seus interêsses, mas os interêsses dos outros?

Salta à vista que não está certo?

Mais não fôsse porque se tira um lugar precioso aos bonecos do Disney, pelo menos enquanto êste não fôr mobilizado...

Deixemos a guerra aos jornais de actualidades, e para lembrar coisas tristes chega — e sobeja.



MERLE OBERON

Conforme noticiámos recentemente, a intérprete de «Monte dos Vendavais», está a interpretar, para a «United Artists», o filme «ILLUSIONS», de que Julien Duvivier é realizador

INTÉRPRETES DE «O PAI TIRANO»

Laura Alves e Seixas Pereira

Laura Alves, a mais dinâmica, comunicativa e insinuante das raparigas que são novos valores do teatro — e do Cinema! — tem uma história rica de peripécias mas singela, sem coisas de espantar, mas cheia de lances imprevistos e curiosos, sem nunca perder o ar calmo, à portuguesa, da vida como a vivem milhares e milhares de pessoas na nossa terra, lutando pelo dia a dia.

Laura Alves que o público depois de «Lisboa 1900» nunca mais esquecerá como artista de teatro e que como artista de cinema vai dar que falar, era, aqui há uns seis anos atrás, a «menina bonita» da Escola Machado Castro. Andava a estudar como tantas outras raparigas da sua idade. Mas já representava nas festas. E era um ídolo, ídolo a que todos queriam e a que todos faziam as vontades. E ninguém nem professores nem colegas conseguiam resistir à simpatia da «Laurinha». Os primeiros convencidos de que ela seria actriz eram «benevolentos». Os segundos admiradores do seu talento eram outros tantos amigos dospostos a tudo por ela — constituiam o seu público, o mais fiel, dedicado e amado público que jàmais alguma artistazinha teve.

Um dia a Escola colaborou num festival do Coliseu. E como não podia deixar de acontecer, um dia um homem de teatro — Lino Ferreira, nem mais nem menos — descobriu Laura Alves, pela primeira vez. Dizemos pela primeira vez porque a Laura Alves detém êste «récord» maravilhoso: foi descoberta e esquecida três vezes, até à sua verdadeira consagração. Depois de trabalhar nas «Duas Garotas de Paris» e de representar o repertório infantil do Nacional, Loura Alves «convenceu-se, como ela diz, de que não tinha geito para o teatro e voltou outro ano para a Escola». No fundo talvez fôssem saüdades! Mas já a tinham visto demais para que a pudessem esquecer. E um dia — sua segunda descoberta — recebeu um convite de Aura Abranches que lhe oferecia os papéis das ingénuas do repertório da sua companhia. Foi. Andou pela província, pelas ilhas, sempre com geral agrado mas sempre sem oportunidade em que se pudesse empregar a fundo. E quando voltou convenceu-se de novo que não fôra fadada para actriz. Escolheu, para experimentar uma profissão «parecida»: dactilógrafa! No fundo era tudo «martelar» papéis — no teatro para os aprender, no escritório para os copiar. Passara pouco tempo já se tinha começado a arrepender mas não confessava... até que chegou, finalmente — terceiro descobridor, e desta feita definitivo: Ribeirinho. Ingressou no Teatro do Povo. A sua interpretação de «Ao pêso da Cruz» de Vasco Mendonça Alves, ainda ao lado de Leonor de Eça, afirmou completamente tôdas as aptidões duma nova artista de grande talento. E daí até ao «Lisboa 1900», até ao Cinema, ao «O Pai Tirano» a carreira de Laura Alves, três vezes descoberta, três vezes desiludida, estudante industrial, amadora dramática, dactilógrafa, artista de teatro e de Cinema — tem sido uma carreira de ascenção veloz e segura.



O dois servos. A Laurinha, criada da pensão da D. Emília e o Seixas, caixeiro da secção de vidros do Grandella e mordomo nas horas vagas

Laura Alves nunca filmara. Os primeiros dias de Estúdio assustaram-na como a assustam as vésperas duma peça nova. temia a câmara, desconfiava do microfone e era caloira. Dois dias depois era o ídolo, outra vez «a menina bonita» que todos traziam nas palminhas — que «brincava» com câmaras e microfones.

O Teatro — desde que entra no palco — é uma coisa que a apaixona. Mas... mas Laura Alves a rapariga-movimento, a alegria, o dinamismo — gosta mais de Cinema.

«O Cinema é mais difícil, que o Teatro, é duro, violento mas mesmo que fôsse muito rica queria trabalhar mais no Cinema».

SEIXAS PEREIRA

Seixas Pereira é um «velho cinéfilo», é um actor dos que o público gosta, é um camarada de trabalho a valer, é um amigo dos que não se dispensam e é um pôço de anedotas! No «Pai Tirano», onde interpreta magistralmente um caixeiro do Grandella amador-dramático escolhido por Mestre Santana para representar «Joaquim, o velho mordomo», Seixas Pereira não consentia que à volta dêle parasse a boa disposição. E ora tôda a gente ria com o seu trabalho, quando filmava, ora, nos intervalos, todos riam com as suas partidas ou com as conversas que arrastava, atrás de si, com as anedotas que contava — êle é um pôço de anedotas. Com êle se passou aquele caso famoso de St.° Tirso, peripécia do mais cómico que se pode imaginar.

A companhia de Erico Braga chegara a St.° Tirso onde ia dar um espectáculo. No hotel Erico destacou, Seixas, seu braço direito, dentro da companhia, para ir à bilheteira do teatro ver como estava a casa. O «funcionário» cheio de boa vontade informou o Seixas de que «não estava mau. Ja se tinham vendido quatro bilhetes». Seixas alarmado veio transmitir a notícia. E o Erico que não queria sair do hotel para a companhia descansar e não queria ir para o teatro só com sete ou oito lugares vendidos, combinou com o bilheteiro que por cada quatro bilhetes deitasse um foguete. Compraram-se os foguetes e o Seixas — no hotel ia apontando cada um que subia. Às seis horas — oito bilhetes. Às sete — doze. Às sete e trinta e cinco—dezasseis. Às oito—dezasseis. Às nove — dezasseis, ainda. Estava tudo decidido para não irem. Mas de repente um foguete, depois outro e outro e outro, dezenas de foguetes a estoirarem. O Seixas salta entusiasmado: — — «É rapazes vamos lá — esgotámos. Quando chegaram o teatro estava a arder —tinham-se incendiado os foguetes.

Além de pôço de anedotas é um «velho cinéfilo»: Seixas, com efeito filmou em Paris na versão portuguesa da «Minha Noite de Núpcias» onde interpretava o Noivo. Desde aí ficou a gostar de se ver na tela, do ambiente do estúdio, do trabalho cinematográfico. Quando deixou os estúdios da Paramount onde trabalharam, lado a lado, em diferentes versões da mesma fita, artistas espanhóis, franceses, ingleses e portugueses, Seixas teve saüdades. Um dia encontrou António Lopes Ribeiro e contou-lhe. A. L. R. que já então realizava a «Revolução de Maio» garantiu-lhe: «na primeira oportunidade». E há dois meses disse-lhe: «é agora!» Mal tivera tempo para compreender Seixas Pereira estava a tratar o seu contrato para a Prod. A .L. R. Foi grande o seu contentamento. E não há dúvida que Seixas gosta do Cinema. Quando acabou o trabalho do «Pai Tirano» Seixas Pereira foi dos artistas que «tiveram pena», dos que ouviram as saüdades da camaradagem, do dinamismo, esgotante mas apetecedor, do estúdio, que é como um hipnotizar de serpente. «Não sei explicar, não sei porquê, — disse-nos êle — mas ao outro dia, sentia uma tristeza, faltava-me qualquer coisa». E isto apesar de Seixas ser um actor de teatro dos que o público gosta, dos que tem tradições, dos que durante onze anos, na Companhia Lucília Simões-Erico Braga correu Portugal inteiro representando do melhor teatro com o maior agrado — Seixas Pereira tem uma carreira completa de teatro. Não lhe faltou sequer ser amador dramático e num dos mais famosos centros — o «Ordem e Progresso», por onde passaram alguns nomes que depois se distinguiram no teatro ou no cinema. Contemporâneos de Seixas trabalharam ali, por exemplo, Vital dos Santos e Artur Duarte. Depois do seu «namôro» dramático, Seixas entrou para o Conservatório a estudar teatro a sério e depois de tirado o curso estreou-se na «Zilda», de Alfredo Cortez. Depois das épocas brilhantes na companhia Lucília-Erico, Seixas Pereira foi contratado para o empresário António de Macedo.

Foi ali que o «Pai Tirano» lhe bateu à porta. E a criação de Seixas Pereira na primeira Prod. A. L. R. vai com certeza deixar junto do público a melhor impressão e garantir que Seixas continuará a trabalhar para o Cinema Português enriquecendo com a sua actuação cuidada, a sua boa disposição e a sua camaradagem — uma meia fôlha de serviços brilhantes e a sua carreira de actor que o público gosta.



«MESTRE» SANTANA, ensaiador do Grupo Dramático «Os Grandelinhas», que Vasco Santana incarna com inexcedível fantasia?...

QUEM SERÁ O PAI TIRANO?

A Produção N.º 1 da Produção António Lopes Ribeiro desperta junto do público a mais viva e justificada curiosidade. Nunca um filme se concluiu tão ràpidamente. Nunca um filme reüniu um tão completo elenco de actores cómicos.

Realizado por António Lopes Ribeiro, cuja veia cómica de sobejo se provou em «Gado Bravo», na «Revolução de Maio» e em «Feitiço do Império», com um argumento de sua autoria e diálogos seus, em colaboração com Vasco Santana e Francisco Ribeiro, «O PAI TIRANO» anuncia-se como a mais risonha e divertida das películas portuguesas. E um problema se propõe à curiosidade dos cinéfilos: Quem será o O PAI TIRANO?...



O CHICO, o Chico Mega, primeiro galã, namorado da Gracinha e apaixonado da Tatão, que Ribeirinho interpreta com o seu estilo inconfundível?...



MACHADO, o inenarrável contra-regra e porteiro do Grandella, que Armando Machado desempenha irresistìvelmente?...



LOPES, o cínico contrariado, da Secção dos Brinquedos, que encontrou em Barroso Lopes o intérprete verdadeiramente ideal?...



O PINTO, o «Pinto Ponto», da Secção das Setinetas, que está sempre a dormir, mesmo quando ponta, em que Reginaldo Duarte é inultrapassável?...



A D. CÂNDIDA, encarregada das damas nobres e das características, em que Luiza Durão tem uma criação ultra-cómica, terá probabilidade de ser... O PAI TIRANO?...



Ou será o SEIXAS, da Secção de Vidros e Loiças, titular dos mordomos e criados graves, que Seixas Pereira representa com particular felicidade

ENCONTROS E DESENCONTROS DO CINEMA PORTUGUÊS COM PORTUGAL

PAISAGENS, MONUMENTOS, COSTUMES

por ACÁCIO LEITÃO

Quási todos os nossos filmes, desde o princípio do cinema português, têm especulado, em evidentes excessos e não menos evidentes deficiências, com o aproveitamento de paisagens, monumentos e costumes, oscilando entre o panorâmico e o folclórico, com o manifesto intuito de lisongear o patriotismo e atrair a atenção do grande público.

Peca-se, por execesso. quando se metem episódios de banal e inadequado entrecho em monumentos da mais alta tradição histórica, como a Batalha, Alcobaça ou Tomar, e ao mesmo tempo se peca por deficiência, não os levando para lugares apropriados e a carácter. Repete-se, nos monumentos das grandes evocações nacionais, a *profanação* especimen de se ter pôsto um casamento de aldeia nas Capelas Imperfeitas.

As nossas paisagens obrigam o casal de namorados, ou os protagonistas, enfim, a uma viagem forçada, inoportuna e incómoda, quando se está mesmo a ver como gostariam de ficar aquele dia em casa, e seria muito mais natural e lógico, para que não deixem de se ver e percorrer as paisagens.

E como se passou ao ar livre o que deveria passar-se entre quatro paredes duma sala, fica a sala para o que tanto faz aqui como acolá, ou só para atravessar quem vem dali para aqui.

Com os costumes, no que diz respeito a trajes, anda sempre tudo endomingado quando não estilizado, ao gôsto das revistas de teatro, como sucede, também, com danças e cantigas que perdem todo o sabor popular e original nas adaptações e arranjos eruditos, coreográficos e musicais.

Parece que, em princípio, deveríamos guardar os nossos monumentos para quando nos seja possível mostrá-los em grandes filmes de reconstituïção histórica, sendo cenários reais dos factos evocados.

As paisagens, ùnicamente da região em que a acção do filme decorra, podem surgir, expontâneamente quási, como aqueles belos *improvisos* oratórios que se estudaram bem na véspera, mas parecem mesmo improvisos, e serem enfim, aproveitadas como fundos para cenas muito parecidas com a verdade, porque tudo está exactamente nos seus lugares.

Os costumes, os trajes, que sofrem o enorme prejuízo da falta de côr, deverão ser criteriosamente escolhidos, sendo certo que se tem perdido, pelo desuso, muito do mais característico das várias indumentárias regionais.

Por tudo isto e por tudo o mais, a realização de qualquer filme que pretenda revelar a vida íntima, pitoresca e tradicional



duma região ou província, deve ser conscienciosamente estudada, informada por quem conheça, em todos ou nos mais necessários aspectos a mesma província ou região.

Não é, porém, em geral, o indígena, apaixonado *bairrista*, o *assistente* mais indicado para fo-r necer informações, mostrar locais, aconselhar itinerários, sugerir entrechos.

Para se conhecer com certas subtilezas de observação, com certo espírito crítico e rebuscador, a maneira de ser, de sentir e de viver duma população, e considerá-la nas suas relações e encontros com a paisagem, nas suas reacções profundas e expontâneas, é talvez essencial não ser êsse indígena que por fôrça de hábito, senão atavismo, aceitou e adoptou, naturalmente, os mesmos costumes e vibra com a mesma sensibilidade, nos mesmos gostos, desgostos e aspirações.

O estranho que, porque é estranho, estranha, para quem vão sendo surprêsas os aspectos com que vai topando, e a quem conduza uma curiosidade bem viva, uma inteligência e uma cultura bem equilibradas, estará nas melhores condições de fazer, quando não tenha a pressa dum bilhete de ida e volta, nem a superficialidade de duas conversas de mesa de café, o estudo conveniente, imprescindível para uma produção reveladora.

Em nós próprios é freqüente acontecer que alguém note um estribilho, um tique nervoso, um defeito ou uma virtude que nunca notamos quando estamos preocupadíssimos com qualquer deselegância que, afinal, não temos, ou passa despercebida.

Feito êsse estudo ainda há muito de que tratar na realização do filme, mas começou-se pelo princípio, que é por onde se deve começar, como diria o meu conceituoso homónimo conselheiro Acácio.

Na Economia Política dizia a sebenta que «civilizar é criar necessidade».

Não discutimos a definição, nem a sua justeza.

Discorremos e concluímos que progredir é satisfazer essas necessidades, com o menor esfôrço.

Todo o progresso se dirige e tende a proporcionar ao homem novas e maiores facilidades na satisfação dos seus desejos, apetites e ambições. o cinema tem grandes funções na vida do homem moderno.

Há pouco, numa conversa familiar, procurava assentar-se na importância que seria necessária para se manterem marido e mulher e três filhos, numa existência normal e mediana, e quando se estavam apontando as despesas essenciais houve quem lembrasse a verba para o cinema.

Como alguém repontasse com a exigência, foi preciso expôr que o cinema, além da distracção para o espírito, sem outras intenções, é a educação e a cultura, quando assim devidamente dirigido, é a viagem, a digressão, a excursão de estudo, pelo mínimo preço, a dois passos de casa, entre o almôço e o jantar, ou entre o jantar e as horas de dormir.

Por isso êle deve ser o mais verdadeiro possível, para não dar noções erradas, para não andar a enganar a gente, quando deva elucidar e ensinar.



——Passou em Lisboa o célebre realizador Lyton Bar. O grande cineasta demorou-se na nossa capital apenas algumas horas, pois vinha de Varzin's Povoa onde dirigia uma fita e seguiu imediatamente para Povoa's Var Zim Beach, onde o aguardavam para outros trabalhos cinematográficos.

——O técnico, realizador, actor e etc., Arthur Dwarht, vai abandonar tôdas aquelas actividades e dedicar-se ao «box». Deverá fazer brevemente a sua apresentação como profissional num formidável combate internacional, no qual Dwarth será segundo do «boxeur» português.

O HOMEM SOMBRA

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

GARY COOPER vai interpretar para a RKO o filme «Ball of Fire», produzido por Samuel Goldwyn

Em menos de quatro meses Gary Cooper concluiu dois filmes e vai já interpretar uma terceira produção, desta vez directamente para Samuel Goldwyn, o produtor que há muito se gaba de possuir o contrato valioso entre os mais valiosos, dada a alta categoria de quem o assina — do intérprete de «Doido com Juízo».

«Meet John Doe» o último filme de Frank Capra, é um dêles; o outro, há pouco estreado, intitula-se «Sergeant York».

Neste, Cooper incarna a figura dum heroi americano da outra guerra, o sargento Alvin C. York, um homem simples e decidido, valente como as armas, que no sector de Ardennes foi o protagonista dum dos maiores feitos de guerra, se não do maior acto de heroismo praticado durante a chamada Grande Guerra por um único homem, sem a intervenção de qualquer outro auxílio ou colaboração.

São os seus feitos que o filme nos traça, é o seu amor à família e à terra, a sua vida simples e recta em Cumberland, terreola de Tennessee, onde hoje ainda vive e donde veio propositadamente a Washington para ser apresentado ao Presidente Roosevelt e assistir ali, no Earle Theater, com o Secretário de Estado Cordell Hull, o Secretário da Guerra Stimson e outras altas individualidades à apresentação da sua biografia posta em imagens, facto único, porventura êste, na história do cinema. Disso se pode orgulhar Alvin York, tanto mais por se tratar duma obra cinematográfica de alta categoria, em que interferiram três nomes de prestígio de Hollywood — os produtores Hal Wallis, o dirigente supremo da produção dos Irmãos



Gary Cooper

Warner, o produtor Jesse L. Lasky e o realizador Howard Wawks, colaboração de que resultou, no dizer unânime da crítica dos Estados Unidos, um dos melhores filmes do ano. É ela que afirma também, como cumprimento de valia para o actor, que era impossível encontrar em Hollywood quem com melhor compreensão e mais inteligência vivesse na tela a figura excepcional de York, do que o fez Gary Cooper.

O novo filme de Gary Cooper, como dissemos vai vai ser produzido por Samuel Goldwyn para a RKO. Desta vez não é um papel dramático o que Gary Cooper vai desempenhar. É, pelo contrário, um papel francamente cómico, duma comicidade que se adapte, naturalmente, à personalidade muito especial do protagonista de «Escândalo na Sociedade» — o de um professor, mais ou menos circunspecto, mais ou menos ingénuo, que casualmente tem entre os seus alunos um grupo ruidoso de coristas dum teatro «burlesque», que é o mais ousado espectáculo americano do género ligeiro. Daí os vários títulos com que sucessivamente tem sido anunciado: «The Professor and the Burlesque Queen», «Blonde Blitzkrieg» e «From A To Z». Afinal parece definitivamente intitulado «Ball of Fire». Howard Hawks vai de novo dirigir Gary Cooper, não se sabendo ainda quais os seus parceiros no filme.

"Flashes"

● *QUE se saiba, foram pela primeira vez utilizadas as páginas da conhecida revista National Geographic Magazine para reclame de filmes. «Shefferd of the Hills» da Paramount, abriu êsse precedente.*

● *Foi recentemente festejado o primeiro aniversário do restaurante de Hollywood, Pirate's Dent, de que são proprietários Rudy Vallée, Fred Mac Murray, Bing Crosby e Tony Martin.*

● *O filme «As Mãos e a Morte» foi proibido de se exibir na Austrália.*

● *CHARLOTTE Henry, que foi há anos a protagonista de «Alice no País das Maravilhas», da Paramount, um filme notável, de uma realização técnica invulgar e tão mal compreendido entre nós, voltou ao cinema em «Flying Blind» daquela emprêsa, ao lado de Richard Arlen e Jean Parker.*

● *COMO sinal de fama e glória, Robert Taylor e Barbara Stanwick juntaram-se aos imortais de Hollywood deixando no cimento do Grauman's Chinese as impressões das mãos e dos pés.*

● *MATT Moore, irmão de Owen Moore e do mais célebre dos galãs de há vinte anos o inesquecível Tom Moore, aparece no filme «Unexpected Uncle», da RKO.*

SHIRLEY TEMPLE começou já o seu filme para a M-G-M, «Kathleen», com Ian Hunter

Entrou já em produção o filme que Shirley Temple, depois da sua saída da Fox, vai interpretar para a Metro Goldwyn Mayer que se intitula, como já noticiámos oportunamente, «Kathleen». No novo filme da popular actrizinha, que chegou a ser um dos casos mais espantosos de popularidade que se conheceu no cinema, filme que será um terno romance da infância, Shirley Temple vive a figura duma garota de doze anos a quem o pai não tolera, mas que à custa da sua simpatia, da sua graça e do seu bom coração logra alcançar o amor paternal.

O papel do pai de Shirley, que esteve primeiro ditribuído a Herbert Marshall, vai ser definitivamente interpretado por Ian Hunter, aparecendo nele também, como personagem importante — o de grande amigo e confidente de Kathleen — Felix Bressart, o notável actor alemão agora na América, que vimos já em «Ninotchka» e na «Loja da Esquina». A direcção do filme, primeiramente atribuída a Norman Taurog, como os próprios comunicados da M. G. M. indicavam, foi por fim confiada a Harold S. Bucquet, o novo realizador que tem dirigido quási tôda a série «Dr. Kildare».

É depois da realização dêste filme que Shirley Temple irá cumprir o contrato de longa duração com o produtor Edward Small, da United Artists, para quem fará, como primeiro filme, a nova versão dum dos êxitos de Mary Pickford, «Litle Annie Rooney».

Filmes americanos de SIEGFRIED ARNO

Siegfried Arno, o magnífico cómico alemão que tão grande popularidade gozou em Portugal, popularidade essa mais acrescida ainda quando veio ao nosso país interpretar o filme de António Lopes Ribeiro «Gado Bravo», na inesquecível e inenarrável figura do empresário Jackson, está em Hollywood e dêle falámos há pouco largamente.

Os votos que nessa altura «Animatógrafo» fazia para que Arno encontrasse finalmente no cinema americano o lugar a que o seu talento tinha jus, parece terem já realidade. De facto Sigfried Arno, cujo nome os americanos simplificaram para Sig Arno, está a aparecer com certa freqüência nas distribuições de filmes. Assim, depois de «The Gambling Daughters» que Max Nosseck dirigiu concluiu já para a Universal o filme «Streets of Cairo» com Sigrid Gurie, a vedeta de «Aventuras de Marco Polo», em que tomava parte também o conhecido Rod La Rocque e em que aparecia igualmente o nosso compatriota Nestor Paiva, um dos poucos portugueses que habitualmente trabalham nos estúdios de Hollywood.

Agora, de novo para a Universal é êle o intérprete, ao lado de Richard Arlen, Andy Devine, Lewis Howard, Maria Montez, Ralf Harlode e Sheila D'Arcy, do filme «Raiders of the Desert», que o realizador John Rawlins dirige.

CHARLES FARREL volta ao cinema

Charles Farrel, o famoso parceiro de Janet Gaynor no não menos célebre «Hora Suprema», depois de ter tido uma das maiores popularidades a que um actor pode aspirar, celebridade que se prolongou por vários filmes entre os quais alguns saídos fora da série das suas interpretações *delicodoces*, género «Sonho côr de Rosa», «Anjo da Rua», «Deliciosa», etc., como «Liliom» — foi êle o intérprete da primeira versão da peça de Ferenc Molnar, realizado em 1931 para a Fox, no mesmo papel que Charles Boyer interpretou no filme de Fritz Lang — e «The River», o famoso «La Femme Au Corbeau», dirigido em 1928 por Frank Borzage com Mary Duncan na protagonista.

Pois Charles Farrell, depois de alguns anos de ausência, vai voltar ao cinema no filme da Monogram «The Deadly Game» que Phil Rosen dirige, e em que tem como parceiros June Lang, John Miljan, que também reaparece, Bernardene Hayes e John Dilson.

DOROTHY LAMOUR e DONALD MEEK, assinaram novos contratos

Dorothy Lamour, a capitosa vedeta que concluiu há pouco o filme «Aloma of South Seas» para a Paramount, de que fôra feita em 1928 uma primeira versão por aquela mesma companhia, e em que uma vez mais aparecerá com o seu muito conhecido *sarong* desta vez ao lado de Jon Hall, seu parceiro de «Furacão» assinou um novo contrato por mais um ano com a emprêsa de Adolph Zuckor, onde está desde 1936.

Também Donald Meek, o impagável e minúsculo cómico que o nosso público tão bem conhece já, que no recente filme de Joan Crawford para a Metro Goldwyn Mayer «A Woman's Face» tem uma actuação verdadeiramente notável, assinou com aquela emprêsa um contrato de longa duração.

A FEIRA DAS FITAS

FUGIDOS DO MUNDO

(Victory)

«Fugidos do Mundo» é a adaptação cinematográfica da novela de Joseph Conrad *Victory — an Island Tale*. Talvez por isso mesmo — só por isso mesmo — não é um grande filme, daqueles que ficam a marcar as datas, a balizar a marcha do Cinema. Vou explicar já esta afirmação, não se julgue que ela implica antipatia ou menosprezo pelo escritor polono-inglês — que é aliás um dos autores da minha predilecção. É que as obras de Joseph Conrad dificilmente *rendem* no cinema, dificilmente são adaptáveis ao celulóide. Conrad é dos escritores que melhor tem sabido harmonizar os vários elmentos da ficção: a intriga, a atmosfera, a psicologia e os carácteres das personagens. O maior encanto das suas obras está na interdependência dêsses elementos e na magia do seu poder descritivo e do seu magnífico estilo. Tudo isso é difícil de reproduzir na tela, senão impossível. Por outro lado, o prestígio do escritor tolhe o adaptador, prende-lhe os movimentos — e quem sabe se não será melhor assim, apesar de tudo!

John L. Balderstone, que adaptou a novela, portou-se afinal, perante Conrad, como Richard Carson, o adaptador da «Luz que se apaga», se portou perante Kipling (conforme aqui vimos há quinze dias). Em lugar de empreender uma verdadeira adaptação cinematográfica executou uma fiel, escrupulosa transposição (àparte a compreensível alteração do desfecho). E o resultado foi uma deminuição de densidade da atmosfera, de volume e personalidade das figuras, e uma certa lentidão da narrativa, prova da fidelidade da adptação mas que fôra útil evitar.

John Cromwell, o realizador, acentuou as características apontadas, em lugar de as remediar. Os seus processos habituais impeliram-no nesse sentido, como é aliás natural — e daí, em boa parte, a relativa carência de atmosfera e a placidez da exposição. Em compensação deve-se decerto a Cromwell o nível excepcional de todo o desempenho e a unidade e categoria da encenação, como acontece habitualmente em todos os seus filmes.

Não se julgue, pelo que atrás se diz, que «Fugidos do Mundo» é uma película medíocre. Não é um «grande filme», mas é um filme excelente, com classe e interêsse que o colocam bastante acima das produções de série. O rigor de apreciação que empreguei é, aliás, relativo ao valor e importância da obra — critério que não terá passado despercebido a quem se dê à maçada de ler estas notas de informação e crítica.

«Fugidos do Mundo» constitui um espectáculo de muito interêsse pelo carácter e relêvo das personagens, pelo desenvolvimento do enrêdo, pelas qualidades da encenação, pelo brilho do trabalho de todos os intérpretes. Tudo isso se deve, além de ao próprio Joseph Conrad, ao realizador John Cromwell, ao operador Leo Tover, aos decoradores Hans Dreier e Robert Usher, a Frederich Holländer, autor do acompanhamento musical, e aos actores que desempenham os vários papéis.

Fredric March tem uma das suas melhores criações na figura de Heyst, o protagonista (que foi crismado de Hendrick em lugar do Axel original). Poucas, muito poucas interpretações de March não merecem ser consideradas «das melhores» — mas esta não é dessas. March exprime maravilhosamente, com a sóbria eloqüência cujo segrêdo é partilhado por poucos actores mais, a indeferença pela vida, a desabusada filosofia, o desencantamento profundo que caracterizam o herói de Conrad. E só um grande actor saberia representar como êlle o faz, a gradual transição que se opera no ânimo da personagem desde que encontra uma justificação para a sua existência.

Sir Ceddric Hardwicke encarna o «Mister Jones» com certo efeito e vigor e aquela parcela de cabotinismo que é inerente à sua pessoa. Jerome Cowan tem no «Martin Ricardo» a melhor interpretação de tôda a sua carreira; é indiscutìvelmente uma bela composição. Todos os outros são excelentes também, mas é justo destacar ainda Sig Rumann (Schomberg).

Deixei para o fim Betty Field, propositadamente, seguindo o preceito evangélico. O leitor deve decorar o seu nome, se quere não ignorar o nome de um dos maiores valores do Cinema americano: «uma das melhores actrizes de Hollywood» escreveu Wolfe Kaufman, um dos melhores críticos de além-Atlântico. Admirámo-la pela primeira vez em «As Mãos e a Morte», e a sua interpretação levou António Lopes Ribeiro a escrever: «...desde «Variedades» que não vimos nenhuma actriz dar de forma tão impressionante a mulher inconseqüente e ordinária, ao estilo de Lya de Putti». Concordei, mas receei que, como sucedera com Lya de Putti, não fôsse capaz de fazer mais nada. Afinal o caso é diferente: basta esta sua outra criação para o demonstrar — tão diferente é, melhor, tão oposta é à de «As Mãos e a Morte». Esta sua interpretação mostra-nos Betty Field como uma das mais surpreendentes e atraentes personalidades com que o cinema nos tem brindado, e revela definitivamente um caso excepcional de talento interpretativo. Raras vezes me tem impressionado tanto a representação de um actor, e por isso não me admira já que a «Modern Screen» a tivsse considerado «a maior descoberta de 1940».

Meu caro leitor: se a qualidade e interêsse do filme justificam a sua visão, o trabalho de Betty Field impõem-na! — D. M.

QUADRO DE HONRA

No filme exibido em Lisboa na última semana, «ANIMATÓGRAFO» chama a atenção do público para o que nele merece atenção especial

«FUGIDOS DO MUNDO» (Paramount)

— BETTY FIELD, pela sua impressionante personalidade e pelo seu talento absolutamente excepcional.

— As interpretações magníficas de FREDRIC MARCH (Heyst) e JEROME COWAN (Martin Ricardo).

— A boa classe da encenação dirigida por JOHN CROMWELL.

PANORÂMICA

(Continuação da pág. 5)

Orson Welles, o extraordinário actor, realizador, produtor, autor e protagonista, de 26 anos; «Os Amores de Joaninha» e «A Cabana Encantada», com Ginger Rogers; «O Dragão Teimoso», de Walt Disney; «A Raposa Matreira», com Bette Davis — uma realização de William Wyler; «O Castelo dos Mistérios», um filme extraordinário em que o assunto é dramático e, no entanto, tôda a gente se ri; «Sunny» e «A casa de Londres», com Anna Neagle, etc.

Pelo que lemos, parece-nos que a RKO-Radio Filmes vai ter uma temporada magnífica.

JEAN BENOÎT-LÉVY

Encontra-se em Lisboa o conhecido cineasta francês Jean Benoît-Lévy, realizador de filmes e especialista da história do Cinema, a quem se devem numerosas e importantes películas culturais.

Jean Benoît-Lévy parte brevemente para os Estados Unidos. No próximo número, publicaremos uma entrevista com o notável homem de Cinema.

CONAN DOYLE E CHAPLIN

O caso passou-se há anos e merece referência. Conan Doyle, o famoso novelista inglês que se propôs contar a vida aventurosa de Sherlock Holmes, conversava uma vez com um jovem actor que tomava parte na representação de uma das suas peças. O actor, que era pobre — ganhava dez dolares por semana — teve uma ideia peregrina: propôs a Conan Doyle repartirem, para o resto da vida, os seus salários, quer êstes fôssem elevados ou não. Conan Doyle achou graça à proposta e recusou.

Todavia, nos últimos anos da sua vida, declarava-se arrependido de não ter aceito a proposta: o actor dos dez dolares semanais era Charlie Chaplin, que nesse tempo ganhava muito mais, do que o famoso novelista.

O Correio de "Bel-Tenebroso"

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

1088 — MANECAS. — Fica assente que será êste o teu pseudónimo. — Na próxima temporada não teremos filme algum com Norma Shearer.

1089 — JOSÉ MENDES COSTA DUARTE — *(Coimbra).* — Não temos à venda foto alguma de Carmen Miranda. Podes solicitá-la, directamente, endereçando a carta para 20th Century-Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia.

1090 — PRINCESA DA SELVA *(Lisboa).* — Avalio bem, Princesa amiga, quanto estarás desolada com a demora das respostas. Mas que queres?! Se não pode ser doutro modo?! Espero, apenas que te convenças, de que a razão da demora é uma só: a avalanche de cartas, às centenas, que, tôdas as semanas, caem na minha mesa. — Vamos fazer o possível por publicar as letras que te interessam. — Na próxima época, verás *Desfile da Primavera*, com Deanna Durbin.

1091 — VISCONDE DO BELO CAIS *(Coimbra).* — A razão da demora é só uma: a aglomeração das cartas dos leitores! — Transmito a *Saüdade, Donalda, Shirley Aviadora, Princesa da Meia-Noite, Princesa da Selva* e *Benjamina* o desejo que tens de te corresponderes com elas.

1092 — AMIGO N.º 1 DO «ANIMATÓGRAFO» — *(Pôrto).* — *A Cidadela* é um filme da Metro Goldwyn Mayer e foi dirigido por King Vidor. — *Adeus Mrs. Chips* é que pertence a Sam Wood — O autor do artigo a que te referes é, de facto, o gerente do *Batalha*, do Pôrto. — Em *Leão tem asas*, ao lado de Merle Oberon, vimos, entre outros, o grande actor inglês Ralph Richardson.

1093 — CINÉFILO ENCARTADO *(Pôrto).* — Tomei nota que durante o ano de 1940 viste nada menos do que 125 filmes! Apre! — Podes escrever-me, sempre que queiras.

1094 — RO-BER-TO *(Lisboa).* — Vou deligenciar obter os elencos pormenorizados dos filmes que te interessam. Mas não sei se será fácil. Obrigado pelas boas palavras que dedicas à nossa revista. Procuraremos continuar a merecê-las. — Êste leitor saúda *Bel, o pirata, Luiz XV, Rey... sem trono* e *Benjamina.*

1095 — BOB TAYLOR *(Lisboa).* — Recebi aquele postal em que me dizes que a Michèle Morgan é a tua favorita n.º 17; a Anna Neagle, a n.º 12, etc... Que trabalhão deverás ter tido, para as ordenar segundo as tuas preferências.

1096 — CONDE MISTERIOSO *(Lamego).* — Ignoro o paradeiro de *Duas Endiabradas.* — Diligenciaremos publicar as letras das canções que te interessam.

1097 — FARANECAS *(Cascais).* — Esta leitora gostaria de possuir a letra da canção «Because» de *Três Raparigas Cresceram.* De preferência, na versão francesa. Haverá algum leitor que possa satisfazer êsse seu pedido?

1098 — LOVE SICK *(Pôrto).* — Ignoro os nomes dos intérpretes dos filmes a que te referes. São de facto muito antigos e sem qualquer espécie de interêsse cinematográfico, que os imponha. — Acho muito pitoresca a mania, que me dizes ter, de buscar sósias de estrêlas célebres. — Transmito as tuas saudações a *Princesa dos Diabretes.*

1099 — CINÉFILO 100 POR CENTO *(Alpiarça).* — Êste leitor saúda *Duas Alentejanas Íntimas, Melita Sarreia Cabral* e *Uma gaiata cinéfila.*

1100 — UM AMIRADOR DE SILVIA SIDNEY *(Lisboa).* — Transmiti, oportunamente, as tuas cartas. — *A Deusa do Fogo* é uma produção da RKO-Radio — Obrigado pelos leitores que me dizes ter arranjado para a nossa revista.

1101 — DONALD & POPEYE — Podes escrever à Ginger Rogers para RKO-Radio Pictures Studios, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Loretta Young: 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia. — Myrna Loy: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Ignoro quando veremos os filmes *El Carnaval de Veneza* e *E o Circo Chegou.*

1102 — LORD X. — Com o maior prazer, te receberei nesta secção. Imponho uma única condição: que acabes com o V. Ex.ª... — O problema dos complementos é muito complexo. No dia em que fôsse possível encontrar a amortização para êsses pequenos filmes, teríamos dado um grande passo para a selecção de novos actores, que aí teriam margem para se revelar. A Deanna Durbin e a Judy Garland, como o Robert Taylor, a Shirley, e tantos outros, começaram por ser intérpretes de complementos.

1103 — REX ROMANORUM *(Pôrto).* — Parece-me que tens pleno direito a inscreveres-te no «Clube do Animatógrafo». Manda, para a Direcção da nossa revista, a indicação do teu nome, idade, profissão e morada e a declaração de que já vais ao cinema há mais de dez anos. — E fico esperando nova carta tua.

1104 — PEÇO A PALAVRA *(Évora).* — Felicito-te pela maré de bons filmes que se espraiou aí por Évora. *Mãesinha à fôrça* é uma comédia de primeira ordem. — *Quero sonhar contigo*, um agradável filme musical.—Achei graça à tua afirmação: «nesta terrinha é assim: ou temos uma série de bons filmes, ou aparece um mau e vêm outros péssimos atrás...»

1105 — REI SOL *(Lisboa).* — O primeiro filme português que veremos é *O Pai Tirano*, a estrear no decurso do corrente mês. Em Outubro, teremos *Lôbos da Serra.* Mais tarde, *Ala, Arriba!* — Por ora, ninguém pensa em fazer desenhos animados. — O nosso cinema é, sob todos os aspectos, incomparàvelmente superior ao brasileiro.

1106 — REBECCA *(Lisboa).* — Dos três pseudónimos, preferi êste. Estou convencido de que é, também, o teu favorito. — Ignoro quais os motivos por que te não respondi, nos tempos do *Cine-Jornal.* O que te posso garantir é que não houve qualquer propósito, da minha parte, em te arreliar ou desconsiderar. — Suponho que, por agora, Artur Duarte não pensa em fazer *Amor Perfeito.* — Paul Muni continua a filmar. Mas a Luisa Rainer dificilmente fará mais filmes em Hollywood.

1107—PRÍNCIPE DA MEIA-NOITE *(Lisboa).* — Pessoalmente, também prefiro os espectáculos alegres aos tristes. Mas, por êsse facto, não deixo de apreciar e de me entusiasmar com *Rebecca, Peço a Palavra, O Monte dos Vendavais*, etc. — Betty Field e Bonita Granville: Paramount Pictures, Hollywood, Califórnia. — Billie Burke: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

1108 — DEANNÓFILO *(Pôrto).* — O documentário da Madeira, de Fitzpatrick, se bem que seja apenas um «apontamento», dá-nos belos aspectos daquele previlegiado jardim do Atlântico. — Carmen Miranda é portuguesa de origem. Segundo ouvi dizer, é açoreana. Mas não te posso garantir.

1109 — O TERRÍVEL DE VILA DO CONDE *(Vila do Conde).* — O teu pseudónimo é cada vez mais assustador. Tive muito prazer em encontrar-te, de novo, (epistolarmente falando, claro), sobretudo depois da tua grande ausência. — A primeira série do «Animatógrafo» conta 14 números, que se encontram esgotados. — Danièlle Darrieux filma em Paris.

1110 — AUTOMOBILISTA QUE ADORA AS VELOCIDADES *(Alcobaça).* — Não sei porquê, o teu pseudónimo deu-me a ambição de ser sinaleiro. Espírito de contradição, talvez... — Porque não havias de ter direito a uma resposta das minhas?! A tua prosa, a tinta verde, não me pareceu nada «triste». Pelo contrário: «esperançosa» — Podes escrever ao Igrejas Caeiro, por intermédio da nossa revista.

1111 — 2 CEM POR CENTO CINÉFILOS *(Lisboa).* — Se vv. não se importassem eu preferiria que o pseudónimo fôsse *2 cinéfilos 100 por cento.* — Estes simpáticos leitores pedem-me que apele para as leitoras desta secção, no sentido de se dignarem corresponder-se com êles. — Transmitimos as tuas saüdações para *Magda.*

1112 — KALLIKRATES *(Lisboa).* — *Four Daughters* e a série respectiva será apresentado na próxima época pela Sociedade Importadora de Filmes. — Êste leitor oferece um livro de versos à leitora que primeiro o solicitar, por meu intermédio.

1113 — ADMIRADOR DE DEANNA DURBIN. — Ficas inscrito no número dos meus consulentes. Gostosamente te responderei. — O Mickey Rooney não se casou com vedeta alguma, muito menos com a Helen Parrish. — Transmito as tuas saüdações a *Mickey Roonete* e a *Uma loira madeirense.*

1114 — *FOTOGÉNICA* — Gostei muito da tua carta escrita à máquina. As fantasias, a «rouge et noir» que a encimam, são um mimo. — *Raffles* é um filme «simpático» e nada mais. O David Niven está tão longe do Igrejas Caeiro, como eu estou da Dorothy Lamour. Desculpa a franqueza, sim!...

1115 — INCÓGNITO MISTERIOSO *(Leiria).* — Se me escreveste uma carta, já respondi pela certa. — A Shirley Temple tem agora cêrca de doze anos. Tudo quanto se diga em contrário é pura fantasia! A tese que a apresenta como uma anã é um «truque» publicitário. — Escreve sempre.

1116 — CINÉFILO DA ILHA AZUL *(Horta).* — A tua carta para Elisa Carreira foi entregue oportunamente.

1117 — UNIVERSITÁRIO COIMBRÃO *(Coimbra).* — Obrigado pelas tuas boas palavras que dedicas à nossa revista. — A tua carta para Graça Maria foi entregue oportunamente. — Para te inscreveres no «Clube do Animatógrafo» deverás dirigir-te à Direcção desta revista, num simples postal, com a indicação do teu nome, idade, profissão e morada, e a declaração de que já vais ao cinema há mais de dez anos. — Numa das respostas anteriores, encontrarás o enderêço de Bonita Granville.

1118 — I LOVE SHIRLEY TEMPLE *(Coimbra).* — O teu peudónimo vai começando a estar actual. Daqui a pouco é que a Shirley está na idade de amar... — Com o maior prazer, lerei o «Cinefan», jornal cinematográfico dos alunos da Escola Brotero. — Podes escrever a *Alma Triste e sonhadora*, por meu intermédio.

1119 — FLOR DOS ALPES. — *A Revolta na Índia* era um bom filme. Um pouco lento, mas com imagens lindíssimas. No entanto, ficarás entusiasmada quando vires *Quatro Penas Brancas.* — Não me aborreço nada quando os meus leitores me falam dos filmes que viram. Gosto, até, de conhecer as reacções que êles despertam. Fica entendido, pois, que me falarás sempre dos filmes que te entusiasmam.

1120 — MOCIDADE EM FLOR *(Pôrto).* — Graça Maria envia foto às leitoras que as solicitarem. Porque não havia de ter a mesma consideração pelas

BREVE VISÃO do Cinema Japonês

De todos os países do Mundo, o Japão é aquele que mais filmes produz. Mais do que Hollywood, mais que a França e a Inglaterra juntas, em números referidos a antes da guerra. Cêrca de 600 filmes de grande metragem — eis o «récord» dos estúdios nipónicos. Seiscentos filmes que se destinam, por assim dizer, ao mercado interno, o que avulta a sua importância. E se acrescentarmos que, até há pouco tempo, — e dizemos «até há pouco tempo», porque não sabemos até que ponto a tensão nipo-americana modificou os factos, em matéria de importação do filme — o Japão via o melhor de que Hollywood exportava e ainda as mais notáveis películas europeias, fàcilmente se darão conta do cinefilismo do Império do Sol Nascente.

No Japão, há 1507 cinemas equipados para o sonoro — o que explica, em parte, os números que citámos.

Um pouco de história

Robert Florey, cineasta francês, que visitou o Japão, em 1937, deixou-nos alguns apontamentos preciosos para a História do cinema nipónico.

O «cinematógrafo» dos irmãos Lumière e o «vitescope» de Edison — escreveu o autor de *Meurtre au studio* — fizeram a sua aparição no Japão, em 1896, um ano depois da sua aparição na América. Durante oito anos, os japoneses realizaram filmes curtos sem importância de maior. Em 1904, em Tóquio, surgiu o primeiro estúdio. No ano seguinte, em Kioto apareceu outro. Essas duas cidade são hoje os dois polos da actividade cinematográfica. Em Tóquio, realizam-se filmes modernos. Em Kioto, fazem-se, sobretudo, filmes clássicos, de assuntos históricos.

«Em 1912, quatro pequenas companhias produtoras (Nippon-Katsudo — Shashin Kabushiki-Kaisha) agruparam-se, sob o nome de «Nikkatsu». O capital da nova sociedade elevava-se a 10 milhões de yens. Em 1915, os japoneses, que não recebiam filmes da Europa por causa da guerra, viram o mercado invadido ràpidamente pelo cinema americano. Tomaram, assim, conhecimento, com Chaplin, Bill Hart, Griffith, Fairbanks, as irmãs Gish e outras.

«A técnica dos realizadores americanos causou uma profunda impressão nos cineastas, que se apressaram a copiar o estilo dos seus filmes. Deve dizer-se que nunca mais conseguiram desembaraçar-se da influência «Yankee».

«Em 1923, o tremor de terra que devastou o Japão paralizou a indústria durante dois anos. E quando os filmes soviéticos apareceram (*Tempestade na Ásia*, *Linha Geral*, etc.), a efervescência política interna contribuíu para justificar o bom acolhimento que tiveram. Os cineastas passaram a adoptar unânimemente os «efeitos de montagem» de Pudowkin e Eisenstein.

«Shigé Suzuky, que deveria tornar-se num dos homens mais em destaque no cinema japonês, teve um êxito enorme com o filme *Nani ga Kanojo o So Sasetka*, em 1930. E em 1937, realizou o primeiro filme inteiramente fotografado na Corea. Esta fita havia de correr o mundo inteiro».

Números que falam

A 20 de Maio de 1929, o Japão viu os primeiros ensaios do cinema sonoro: actualidades, pequenos filmes musicais, etc. Nesse mesmo ano, os estúdios fizeram as primeiras tentativas: *Furusato* e *Lullaby*, com resultados desastrosos. E só em 1931, os cineastas nipónicos conseguiram acertar o passo, com *Minha mulher e a mulher do vizinho*, de Heinosuke Gosho.

Hoje, os doze estúdios de Kioto e os seis de Tóquio trabalham em pleno rendimento, se bem que ainda persistam processos de produção incompatíveis com a boa qualidade técnica. Robert Florey diz-nos que, em 1937, era freqüente realizar-se, em mudo, um filme falado, para o qual se fazia, mais tarde, uma «post-sincronização» total...

Alguns números, referentes a 1937, visto que as estatísticas mais recentes nos faltam. Nesse ano realizaram-se 336 filmes «Jida-geki» (históricos) e 227 «gendai-geki» (modernos). Os primeiros são incontestàvelmente mais artísticos. Os argumentos respectivos contam-nos lendas ou factos históricos, falam-nos dos *jogos de sabres*, das histórias dos Samourais, das velhas peças do repertório Kabuki». Nesse mesmo ano, o Japão produziu ainda 137 filmes silenciosos, 85 sonorizados e 42 em parte silenciosos, e em parte falados.

Êste trabalho foi assegurado por 127 realizadores, 115 operadores, 1.073 actores e 558 actrizes. Um filme custa em regra 50.000 yens. No entanto, *A Batalha do Verão em Osaka* custou 700 mil! Foi o «Bocage» dos japoneses. Êste custo é tanto maior se soubermos que as vedetas femininas ganham cêrca de 2 contos de réis por mês e que um figurante cobra entre 6 a 10 escudos por dia, a fazer fé no testemunho de Robert Florey que tem sido até aqui o nosso cicerone do cinema nipónico.

Desistimos de dar os nomes das vedetas do Império do Sol Nascente tão arrevesados são e, por vezes, mal soantes para os ouvidos ocidentais. Para terminar queremos fechar com esta afirmação de Florey, que depois de advogar a apresentação, na Europa, dos bons filmes históricos japoneses, escreveu:

«Dos 14 filmes que vi, oito *clássicos* eram excelentes, sobretudo *Os Cantos de Satsuma*, de K. Ushima; dois dramas modernos, eram passáveis, a despeito do mau sincronismo; os filmes cómicos eram impossíveis. Os realizadores destas películas cometeram o êrro de «roubar» as canções americanas em voga, os argumentos de Jack White ou de Sennett (sem se preocuparem com os «direitos» claro está) — e os resultados, como não poderia deixar de ser, foram lamentáveis. Os filmes *modernos* japoneses não são suficientemente bons para a Europa». — F. F.

Correio de «Bel-Tenebroso»

admiradoras? — Robert Stack: Universal Studios, Universal Filmes, Hollywood, Califórnia. — Experimenta mandar-lhe pedir a foto, sem remeter dinheiro. — Esta gentilíssima leitora gostaria muito de cartear-se com *Adoro Madeleine Carroll*.

1121 — RICARDO CORAÇÃO DE ELEFANTE. — As tuas cartas foram oportunamente transmitidas.

1122 — TRÊS NORTENHOS (*Pôrto*). — David Niven, o protagonista de *Raffles*, está vivo e bem vivo. Actualmente presta serviço, em Londres, na R. A. F.

1123 — MARCO POLO. — Transmiti as cartas que me enviaste. Os filmes da Família Hardy (ou, melhor: os três primeiros filmes) não foram exibidos por ordem cronológica da sua feitura. Quanto aos outros, a seqüência não tem sido alterada.

1124 — TEMPESTADE NOS PAMPAS (*Coimbra*). — Que pseudónimo tão... *sui generis!* — Podes escrever à Betty Grable, em português, para 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood, Califórnia.

1125 — DINHAMÁ (*Lisboa*).— eRspondo àquela tua carta, que começa assim: «se não obtiver resposta, vai tudo razo...» Está explicada a razão do ciclone! — Pessoalmente gosto de ver Sonia Henie patinar, mas os filmes dela não me entusiasmam. Gostaria de a ver em «shorts», onde ela estadeasse os seus dotes de bailarina sôbre o gêlo. — *O despertar dum Cidade* era um bom filme. — Tomo nota que, à data a que me escreveste, os teus galãs favoritos são o Tyrone e o R. Stack. Continuas com as mesmas ideias? — Quanto à demora das respostas, não penses que a Parker antipatisou contigo... Sobretudo por seres «morena». A Parker até gosta da Nina Mackiney... (lembras-te?! Era aquela actriz negra de *Aleluia!*).

1126 — OUBLI (*Penafiel*). — O autor das «Actualidades Cinematográficas» da Emissora Nacional, durante a época passada, era o sr. Romariz Monteiro. Ignoro, porém, se prosseguirá no decurso dêste ano. — Publicaremos canções de filmes sempre que tal se proporcionar. — Pela minha parte também me é quási indiferente saber se o homem descende do macaco, como pretende Darwin, ou dum «reptil» anti-diluviano, na teoria de Lamarck. No entanto, tenho a impressão de que o primeiro tem razão, porque ainda hoje se encontram «macacões» de respeito, no género humano... — Transmito as tuas saudações às nossas leitoras do Funchal, e, em especial, a *Moreninha Insinuante* e *Uma loira madeirense*.

1127 — DURBINÓFILO (*Barcelos*). — Êste prezado leitor teria muito gôsto em corresponder-se com leitoras do *Animatógrafo*. Haverá alguma disposta a atendê-lo? — Pela lista de filmes que me envias, vejo que aproveitas o teu tempo. Na próxima época, teremos excelentes filmes, para alegria de quantos incluem o cinema no número dos seus amores.

Bel-Tenebroso



GINGER ROGERS

Desde que encarnou Kitty Foyle e ganhou o prémio da Academia da melhor interpretação feminina, Ginger Rogers passou a alinhar — e muito justamente — ao lado das grandes actrizes do Cinema americano, das actrizes priveligiadas de Hollywood. A sua nova situação permitiu-lhe passar o verão da melhor maneira: em férias. Terminado há meses «Tom, Dick and Harry», que Garson Kanin dirigiu e que em Portugal se chamará «Sonho Encantado», Ginger tem estado a descansar sob os legítimos loiros que conquistou com a maravilhosa criação da rapariga da gola branca. Só há pouco começou a estudar o seu novo papel de «Week-end for three» — o que, para uma rapariga como ela, é um prazer, um prazer talvez comparável ao de tomar banho na piscina da sua casa.

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



CLARK GABLE e ROSALIND RUSSELL numa cena do filme «T EY MEET IN BOMBAY», onde os dois artistas têm notáveis interpretaçõe

ÊSTE NÚMERO CONTÉM UM ETRATO-BRINDE: MERLE OBERON